

Akomabu

“A cultura não deve morrer”

Carla Adriana e Cibele Abreu¹

Apresentação

Akomabu é uma palavra de origem africana, em *yorùbá*, que significa “a cultura não deve morrer”. E foi com esse objetivo que o grupo se reuniu em torno do projeto Akomabu: para não deixar a cultura afro-brasileira perder sua força. Mais do que isso, queremos fazer um programa radiofônico voltado para o público **afro-feminino** de Brasília. Pelas ondas do rádio queremos ressaltar a importância da mulher negra brasileira. Contar a história de mulheres que provaram que é possível fazer diferença, chegar à universidade, reverter trajetórias já naturalizadas das mulheres negras do Brasil. E essa é a nossa proposta mostrar a história e luta dessas que representam mais de 23,4% da população do Brasil.

São 41 milhões de mulheres negras que batalham seu espaço na sociedade que, além de racista, tem o machismo impedindo que as mulheres negras valorizem sua própria cidadania e conquistas. Essa condição impede que essas mulheres tenham acesso a boas escolas e universidades, além de melhores condições de trabalho e saúde. Queremos produzir mais um veículo que mostre a importância, o reconhecimento e o valor da negritude. Mostrar que, por meio da mobilização, é possível modificar e resignificar espaços socialmente demarcados.

Por conta disso, surgiu a ideia de produzir um programa de rádio feito para as mulheres negras: *Akomabu*, “a cultura não deve morrer”. Um espaço que trate dos diversos aspectos da cidadania e cultura que fazem parte da vida da mulher negra. Nossa proposta é resgatar constantemente a história da negritude feminina, todas essas

¹ graduandas em Comunicação social – Jornalismo, Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas – FASA, UniCEUB, cibelejornalista@gmail.com, jornalista.carla@gmail.com

mulheres que ajudaram a compor a história do Brasil. Um programa que mostre que as mulheres negras fazem diferença, sim! Não só no passado, mas diariamente. Nós queremos apresentar para as mulheres negras, que é possível que Brasília tenha muitas outras mulheres negras de destaque.

Justificativa

Brasília, capital do Brasil. Por ser o centro do poder deveria ser também exemplo de respeito às diversidades culturais. Mas, infelizmente não é isso que acontece.

No dia 24 de setembro deste ano, três imagens da Praça dos Orixás, na Prainha do Lago Sul, foram depredadas. Este não é o primeiro ato de vandalismo e desrespeito que ocorre na Prainha. Desde setembro do ano passado já aconteceram seis ataques às 16 imagens. Essas ações são conseqüências do preconceito ainda instituído na população brasileira. Este fato apenas despertou, mais uma vez, a preocupação do grupo e alimentou a vontade de produzir um programa que resgatasse a história, muitas vezes não contada nas escolas.

Representantes do Instituto Histórico e Artístico Nacional (Iphan), da Fundação Palmares e da Administração Regional de Brasília discutiram, no dia 31 de julho, soluções para a segurança das imagens da Praça dos Orixás. Ficou acordado que haveria instalação de câmeras para monitorar o local, a recuperação da iluminação e a restauração das esculturas. Mas, nada aconteceu.

A busca por visibilidade social perante a população e o estado se dá em diversos níveis e utilizam para isso, infinitos meios. A partir dos anos 70, a mobilização afro-feminina vem ganhando cada vez mais força, as mulheres negras estão juntando suas idéias às causas feministas, reunindo-se em prol de uma sociedade mais justa e menos desigual. Esse processo de organização para as conquistas das mulheres não depende mais exclusivamente do Estado, centenas de ONGs se organizam pelo país com vistas em articulações que dêem melhor condição de cidadania às mulheres ou aos negros separadamente. Mas ainda existem poucos veículos, amplamente acessíveis, que sejam direcionados especificamente às mulheres negras.

Hoje, com programas específicos pra cada tipo de público, encontramos revistas, programas de TV e rádio que possuem programações direcionadas ao público negro. Mas direcionados, especificamente, ao público afro-feminino, ainda são poucos. A maioria dos veículos que possuem sua programação direcionada às mulheres negras encontra-se na Internet. Isso dificulta o acesso amplo desse segmento à informação.

Devem existir meios - no caso, veículos de comunicação - que dêem condições às mulheres negras de articular seus interesses, debater a atenção dada pelo estado à educação, trabalho e saúde. É necessário pensar um programa que funcione como uma ferramenta para o reconhecimento dos direitos da mulher e do negro. Um grito à sociedade que, durante mais de cinco séculos, excluiu a voz negra feminina do Brasil. Essa realidade levou o grupo a desenvolver um projeto de rádio que dê voz para as mulheres negras de Brasília, para que elas possam debater a história que lhes foi designada e a atualidade que pode ser modificada.

Escolha da Emissora

Para a veiculação do programa escolhemos a rádio universitária RadioL.A - Livre e Alternativa 102.7 Mhz, emissora FM. É a primeira rádio realmente livre e alternativa de Brasília, que levanta a bandeira das rádios-livres. O objetivo da rádio é divulgar o que a mídia geralmente não divulga, mostrar que é possível democratizar e descentralizar os meios de comunicação. A Radiola 102.7 FM abrange atualmente: Asa Norte, Lago Norte, Sobradinho, SMU, Cruzeiro Velho e Paranoá. A rádio também conta com transmissão via internet, atingindo, assim, maior número de pessoas.

Hoje, o número de programas na rádio oscila de 15 a 20 e são transmitidos de domingo a domingo. Na sua maioria musicais, os projetos dos programas transmitem a diversidade cultural que permeia Brasília. Samba, reggae, bossa nova, maracatu, rap, cacuriá, jazz, blues, entre outros. Os artistas não prestigiados pela mídia, têm maior espaço para expor suas músicas. Estes programas são feitos, na maioria, por universitários de instituições públicas e privadas, além de tocadores, produtores culturais, pais de família, membros de movimentos sociais.

Linguagem do programa

A linguagem é informal, de uma conversa telefônica. O programa não é panfletário, mas reivindica os direitos das mulheres negras de Brasília. Um texto acessível, leve e intimista.

Objetivos

Objetivo Geral

O programa *Akomabu* tem como objetivo geral dar voz aos grupos de mulheres negras de Brasília. Ceder espaço para as diversas manifestações culturais do segmento. Um veículo que possa representar as mulheres negras abordando os mais diversos aspectos que compõem a realidade afro-feminina do Brasil. Produzir um programa que possa refletir essa realidade, utilizando para isso resgate histórico e cultural.

3.2 Objetivos específicos

- Ser um canal de denúncia;
- Promover debates: política, história, cultura, religião, saúde, etc.;
- Defender valores e expressões culturais;
- Resgatar a história afro-brasileira;
- Veicular informação;
- Fortificar a presença da cultura afro em Brasília;
- Inovar os formatos de programas voltados para negros e mulheres;
- Promover a cidadania de mulheres negras;
- Fortificar a presença da mulher negra nos meios de comunicação.

Antecedentes

Em 1979, Mara Régia di Perna, radialista, começou a apresentar o *Viva Maria*. Programa voltado para a mobilização feminina que envolvia a mulher em debates sociais e culturais, além de conscientizar as mulheres em relação ao direito e cidadania. O programa saiu do ar com Fernando Collor eleito, mas em 1994 voltou ao ar pela Rádiobrás. Ao todo foram 12 anos no comando do *Viva Maria*.

Mas ainda não foi produzido um programa de rádio com essa proposta, de aliar as questões raciais e de gênero no mesmo roteiro. A grande inovação é promover em um mesmo programa a promoção da cidadania das mulheres negras.

Formato

O programa *Akomabu*, “*a cultura não deve morrer*” será veiculado uma vez por semana, sempre na sexta-feira, das 11h às 11h30, na rádio universitária RadioL.A 102,7 FM. Será estruturado em 3 blocos. Cada um com duração de aproximadamente 10 minutos. Totalizando, entre blocos, aberturas e intervalos, duração de 30 minutos.

O programa segue o formato de revista radiofônica e será ao vivo, dividido em três blocos, todos com entrevistas e entretenimento, contando com a participação dos ouvintes.

O primeiro, Benedita da Silva, trará temas como saúde, direito do cidadão, educação, entre outros. Neste primeiro programa abordaremos o tema Educação, focando o sistema de cotas, o acesso à educação aos negros, as condições que os alunos se encontram na universidade e a verdade omitida da história dos negros nos livros escolares.

O segundo bloco, Chica da Silva, abordará a história do feminismo negro no Brasil.

Gantois será o terceiro e último bloco, será um resgate cultural das mulheres negras. Abordaremos a cultura afro-brasileira, religião, alimentação, entre outros tópicos ligados à esta cultura.

Como o próprio nome do programa sugere *Akomabu – A cultura não deve morrer*.

Público Alvo

O programa pretende atingir os jovens, na faixa etária entre 18 e 30 anos, universitários, ouvintes da Rádio Universitária RadioL.A – Livre e Alternativa 102.7 FM. Com ênfase no seguimento feminino, particularmente as mulheres negras, para que assumam seu protagonismo, sua história, sua luta.

Estratégia de comunicação agregada

Disponibilizar o programa em algum site, para que mais pessoas possam ter acesso, possibilitando que o programa alcance outras cidades do Brasil.

Mensalmente iremos verificar os indicadores de audiência do programa *Akomabu – “a cultura não deve morrer”*. Para isso utilizaremos como referência o número de e-mails e telefonemas recebidos.